

1 Introdução

As idéias que embasam meu trabalho poético são, essencialmente, fruto de questões surgidas a partir da minha relação com meu próprio corpo, tanto em meu trabalho visual quanto por minha experiência profissional em dança. O corpo como um tema esboçou-se desde os primeiros anos nos ateliês de criação da faculdade. Simultaneamente ao desenvolvimento poético deste tema, comecei a buscar uma abordagem teórica que me trouxesse informações sobre a forma como o corpo é percebido em áreas de conhecimento como a História da Arte, a Filosofia e a Antropologia. O trabalho poético aqui apresentado une este embasamento teórico a reflexões geradas por minha experiência profissional, discutindo a idealização do corpo no balé clássico a partir das figuras alegóricas do *corpo* e do *Príncipe*. A primeira se refere a uma realidade material tida como imperfeita e a segunda representa um ideal clássico de beleza e perfeição.

A primeira parte do trabalho se apresenta como resultado de uma reflexão mais teórica sobre a relação do corpo com o balé clássico. Num primeiro capítulo, intitulado *O Corpo*, falo de um pensamento que se estrutura a partir da percepção do corpo como algo imperfeito, negativo. Esta abordagem é formulada para, posteriormente, opor-se à idéia de um corpo idealizado pela estrutura do balé clássico. Esta reflexão é embasada especialmente pelas referências *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*, de David Le Breton e *Corpo e Comunicação*, de Lucia Santaella.

Em seguida, no capítulo *Realidade e Ilusão*, utilizo *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, e a formulação dos conceitos *apolíneo* e *dionisíaco*, para falar da forma como diante da percepção desta realidade que se apresenta de forma tão negativa, o homem cria, a partir da mais profunda necessidade, um mundo de sonho, fantasia, beleza e aparência. Nietzsche me auxilia também a depurar este “artificial edifício da cultura apolínea” na construção de um raciocínio que me encaminha para a discussão sobre o balé clássico e me auxilia na formulação da alegoria do *Príncipe*.

Em *Ilusão e Razão* trato do balé clássico enquanto sistema racional que pretende paradoxalmente transformar o corpo imperfeito em um corpo idealizado. Para a análise do

balé clássico como um sistema de representação cartesiano e ideológico, utilizo *A Ilusão Especular*, de Arlindo Machado e as reflexões sobre dança de Kátia Canton em *E o Príncipe Dançou*.

A partir daí, aproximo a discussão teórica das minhas referências pessoais, da minha experiência profissional, e mais precisamente da minha relação com meu corpo. No capítulo *O Corpo em Questão*, falo da forma como o meu corpo apareceu ao longo do meu processo poético, desde os Ateliês de Desenho e Fotografia no primeiro ano do curso. Para a compreensão deste momento inicial de reconhecimento do meu corpo como um meio para a discussão das minhas questões, foi importante o contato com a *Fase do Espelho*, proposta por Lacan, também através de Machado.

Num próximo capítulo, *O Corpo Exposto*, trato da relação do outro com meu corpo, uma relação que o transforma em um *corpo objeto*. Para esta constatação aparecem como referências importantes o livro *O Corpo como Objeto de Arte*, de Henri-Pierre Jeudy, e o contato com o trabalho dos artistas Leonilson e Cindy Sherman. Num último momento, descrevo e comento os três trabalhos produzidos como parte da pesquisa para este Trabalho de Conclusão e que tratam efetivamente da relação entre as alegorias *o corpo e O Príncipe*.